



CARTA SEMANAL

O Canário
da Mina **45**

08 DE MARÇO DE 2024

A corrida começou

Durante os séculos XIX e XX, uma das atividades econômicas mais importantes do Reino Unido foi a extração de carvão de mina. Nesse contexto, uma das principais causas de acidentes com mortes dos mineiros era decorrente do vazamento de monóxido de carbono, um gás inodoro (difícil de detectar sem equipamentos) que, em grandes quantidades, pode provocar explosões ou morte por intoxicação. Como o monóxido de carbono é um resultado natural da extração do carvão, problemas de ventilação nas minas poderiam gerar acidentes mortais.

Em uma era pré-detectores de gases, o jeito de os mineiros se protegerem era levar um canário dentro de uma gaiola para a mina. Por ser muito mais sensível ao monóxido de carbono do que os humanos, a agitação do pássaro servia de alerta para que os trabalhadores deixassem a mina antes que um acidente ocorresse.

Esse é o objetivo de “O Canário da Mina”, artigo semanal que a G5 Partners divulga todas as sextas-feiras. O objetivo é ser um instrumento relevante e gerador de reflexões para o final de semana.

Boa leitura.

G5 Partners. Além dos resultados.



A corrida começou

Já falamos sobre a eleição americana na edição 37¹ de “O Canário da Mina” (OCM), mas nesta semana houve três eventos que tornam relevante a volta ao tema: a decisão da Suprema Corte, a Super Terça e a divulgação de uma pesquisa feita pelo *The New York Times* em parceria com a Siena College. A junção deles não muda a conclusão a que chegamos naquele OCM, mas traz mais subsídios para dizer que Donald Trump é mais favorito do que nunca para ser eleito presidente dos Estados Unidos em novembro. O motivo para isso será o tema do OCM de hoje.

Quem leu o OCM 37 deve se lembrar que gastamos boa parte da “tinta” discutindo os processos judiciais de Donald Trump e, dentre as 91 acusações, espalhadas por quatro processos, uma nos chamava a atenção: a participação do ex-presidente na invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021. Por quê? Por causa da ligação entre esse julgamento e a decisão dos estados do Colorado e do Maine de proibir que o nome de Trump estivesse nas cédulas eleitorais nas primárias republicanas, com base na seção 3 da 14^a emenda da Constituição americana, que diz: *“Não poderá ser senador ou representante no Congresso, ou eleitor do presidente e vice-presidente, ou ocupar qualquer cargo, civil ou militar, nos Estados Unidos ou em qualquer Estado, alguém que, tendo previamente prestado juramento, como membro do Congresso, ou como funcionário dos Estados Unidos, ou como membro de qualquer legislatura estadual, ou como funcionário do executivo ou da justiça de qualquer Estado, de defender a Constituição dos Estados Unidos, tiver se envolvido em uma insurreição ou rebelião contra o mesmo, ou dado ajuda ou conforto aos seus inimigos. Mas o Congresso pode, por uma votação de dois terços de cada Câmara, remover essa impossibilidade”*. A relação é simples: se Trump pode ser impedido de participar das primárias republicanas por causa disso, ele também poderia ficar de fora da eleição presidencial nesses estados. Além disso, se ele fosse condenado, outros estados poderiam seguir o mesmo caminho e, no fim, Trump poderia estar alijado da disputa presidencial. Lembrando que nos EUA não existe a figura de um Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para tomar decisões que tenham repercussão por todo o país; os estados têm autonomia para tomar suas próprias medidas eleitorais. Daí aquela “bagunça”, onde cada estado tem seu tipo de votação, sua divisão de delegados etc. Bem, se não há um TSE, há um Supremo Tribunal Federal (STF), a Suprema Corte, e esta decidiu que os estados não podem invocar a seção 3 da 14^a emenda para impugnar uma candidatura – apenas o Congresso pode fazê-lo. Como este não chega a um acordo nem nos casos de temas de interesse comum, como o orçamento das agências federais, não é sobre um tema polêmico assim que chegará. Portanto, a decisão da Suprema Corte, ao fim e ao cabo, tem o condão de acabar com as dúvidas sobre se Donald Trump vai ser elegível ou não para a eleição presidencial de 5 de novembro, uma vez que, mesmo condenado e preso, ele pode ser candidato, como também mostramos no OCM 37. Porém, para estar apto a concorrer à presidência pelos dois partidos dominantes na política americana, Democrata e Republicano, o candidato tem que passar primeiro pelas primárias – e, para isso, a Super Terça é decisiva.

¹ <https://g5partners.com/uploads/2024/01/OCM-37-Canario-da-mina-12jan24.pdf>.

A Super Terça tem esse nome porque, no mesmo dia, 15 estados e o território de Samoa Americana vão às urnas nas primárias dos partidos Democrata e Republicano, colocando em jogo 36% do total dos delegados de cada partido. No caso de Biden, a Super Terça é protocolar, uma vez que ele não tem nenhum desafiante competitivo entre os democratas. Na verdade, acabou que ele não ganhou todas as primárias, perdendo em Samoa Americana para Jason Palmer²; mesmo assim, já tem 1.497 dos 1.969 delegados democratas (76,0%) necessários para a vitória. Para concorrer com Trump havia Nikki Haley, uma competidora real que já havia ganhado a primária do Distrito de Colúmbia, onde fica a capital, Washington. Entretanto, após a Super Terça, quando ganhou apenas em Vermont, Haley desistiu das primárias republicanas e abriu o caminho para que Trump seja ungido candidato republicano, sendo questão de tempo até que ele chegue aos 1.215 delegados necessários para isso. Já tem 995 deles, 82% do limite. Portanto, não há dúvidas de que a eleição presidencial americana será entre o atual presidente, Joe Biden, e o ex-presidente Donald Trump. Normalmente o incumbente é o favorito, uma vez que a máquina do governo está ao seu lado; entretanto, essa eleição não tem nada de “normal” e, neste momento, Trump está na frente. Se fôssemos apelar para as casas de apostas, veríamos que elas dão 55% de chance para o ex-presidente, contra 45% para Biden. Contudo, trata-se apenas de apostas. Para elaborar melhor o cenário em que Trump é o favorito, vamos recorrer a uma extensa pesquisa publicada no *The New York Times* (TNYT) de domingo, feita em conjunto com a Siena College.

Mas, antes de entrar na pesquisa TNYT/Siena propriamente dita, vamos discutir o que é importante de ver nas pesquisas eleitorais. Como no Brasil a eleição é pelo voto popular, temos a tendência de observar a eleição americana por esse prisma, portanto damos muita atenção às pesquisas de intenção de voto dos EUA como um todo. Mas isso é um erro. Nas terras do Tio Sam, a eleição é decidida por meio de um colégio eleitoral cujos votantes são os delegados escolhidos pelos estados, e cada um deles tem um número predefinido de delegados. Em alguns, quem vence leva todos os representantes do colégio eleitoral, independentemente da proporção de votos de cada candidato; em outros, o número de delegados é proporcional aos votos. Já houve casos recentes, como o de Al Gore em 2000 e o de Hillary Clinton em 2016, nos quais o candidato vencedor no voto popular perdeu no colégio eleitoral por não ter ganhado, nos estados, delegados suficientes para vencer. Portanto, não adianta olhar para as pesquisas de intenção de votos em termos agregados; temos que ir, estado por estado, para saber quem vai ganhar no colégio eleitoral. Isso daria um trabalhão. Para nossa sorte, a maioria dos estados tem “cores”: azul para democratas e vermelha para republicanos. Por exemplo, a Califórnia é considerada um estado “azul”, enquanto o Texas é “vermelho” por tradição. Dessa forma, na verdade, precisamos olhar apenas para aqueles estados que mudam de “cor” de uma eleição para outra, os “swing states”. Atualmente, segundo os analistas políticos americanos, seriam seis “swing states”: Winsconsin, Pensilvânia, Nevada, Geórgia, Arizona e Michigan.

Bem, depois de toda essa explicação, vamos aos números. Dissemos que Trump é favorito, as casas de apostas mostram isso; porém, quando olhamos para a pesquisa de intenção de votos considerando apenas o voto popular³, a disputa parece contradizer tudo isso: Trump com 47,5% e Biden com 45,3% é um empate técnico. Só que,

² Um empresário que se qualificou para as primárias em alguns estados e territórios.

³ Aqui usamos o agregador de pesquisas do site Real Clear Polling.
<https://www.realclearpolling.com/polls/president/general/2024/trump-vs-biden>.

lembramos, temos que olhar para os “*swing states*”; destes, Trump ganha em quatro por mais de 3,0 p.p. e em Winsconsin por 1,0 p.p., e na Pensilvânia perde por 0,8 p.p., ou seja, em ambos os casos, ocorre um empate técnico entre os candidatos. Portanto, Trump empata, dentro da margem de erro, com Biden no voto popular e ganha em quatro dos estados que vão realmente decidir a eleição — já considerando uma margem de erro de 3,0 p.p. para baixo ou para cima. Daí o favoritismo atual de Donald Trump para vencer as eleições presidenciais americanas. Mas Biden, como incumbente, não pode reverter? Tempo ele tem, mas os números da pesquisa TNYT/Siena College não trazem boas notícias para quem espera que isso aconteça.

Para começar, a pesquisa é desfavorável em um tema que deveria ser a fortaleza de Biden: a economia. O PIB cresce há 6 trimestres seguidos a uma média de 2,95% por trimestre, a taxa de desemprego está próxima dos níveis mais baixos em décadas, e a inflação está em desaceleração. Tudo que um incumbente gostaria em um ano eleitoral. Mas, em uma pesquisa voltada a analisar se a economia estava melhor ou pior do que há quatro anos, no último ano do mandato de Trump, 65% dos participantes disseram que estava pior, 19% melhor e 16%, a mesma coisa. No assunto economia, o presidente não está “bem na fita”, e nas questões de imigração o desempenho da Biden também gera preocupação. Por exemplo, 50% dos entrevistados disseram apoiar fortemente ou simplesmente apoiar a afirmação “Dificultar a entrada de pessoas em busca de asilo na fronteira sul”⁴, e 43% afirmaram rejeitar fortemente ou rejeitar. Considerando que essa é uma das bandeiras de Trump, as respostas foram favoráveis ao ex-presidente. Além disso, na política externa a situação não está confortável para Biden. Uma das bandeiras do presidente, o apoio à Israel na guerra contra o Hamas, está perdendo apoio entre os eleitores americanos. Por exemplo, à pergunta “Na disputa entre Israel e os palestinos, com qual lado você simpatiza mais: Israel ou os palestinos?”⁵, 40% disseram Israel, 24% manifestaram apoio aos palestinos, 15% mostraram-se indiferentes, e 21% afirmaram não saber. Em dezembro, a mesma pergunta foi feita e registrou 47% de apoio a Israel. Mas o maior calcanhar de aquiles de Biden é mesmo a idade, 81 anos; não que Trump seja um “garoto”, com seus 77 anos, mas as gafes recentes parecem estar colocando em xeque a capacidade de Biden para governar por mais quatro anos os EUA, na visão do eleitor americano. Isso fica claro quando verificamos que 47% concordam fortemente e 26% de certa forma concordam com esta afirmação: “Joe Biden é simplesmente muito velho para ser um presidente de forma eficaz”⁶. As respostas à mesma pergunta, dessa vez se referindo a Donald Trump, foram: 21% concordam fortemente, e 21% de certa forma concordam. Isso pode ser um dos motivos para que 10% dos eleitores que votaram em Biden em 2020 agora estejam escolhendo Trump, contra 0% que diz o contrário. Mas Trump também tem fraquezas que podem ser o caminho para Biden virar o jogo.

Ao serem perguntados “Você acha que Joe Biden tem personalidade e temperamento para ser um presidente eficiente?”⁷, 51% disseram “sim”; quando a mesma pergunta foi feita sobre Trump, apenas 41% dos entrevistados disseram “sim”. Certamente, entre os motivos para que os entrevistados considerem Trump menos qualificado do que Biden para ser presidente dos EUA estão os processos contra ele. Isso fica claro quando vemos que 53%

⁴Tradução livre de “*Making it harder for migrants at the southern border to seek asylum in the United States*”.

⁵Tradução livre de “*In the dispute between Israel and the Palestinians, which side do you sympathize with more: Israel or the Palestinians?*”.

⁶Tradução livre de “*Joe Biden is just too old to be an effective president*”.

⁷Tradução livre de: “*Do you think Joe Biden has the personality and temperament to be an effective president?*”

responderam “sim” à pergunta: “Você acha que Donald Trump cometeu ou não algum crime federal sério?”⁸. Ou seja, para mais da metade dos entrevistados, Trump é desqualificado para o cargo e cometeu crime federal – questões que podem ser exploradas pela campanha de Biden.

A conclusão é que Trump aparece como favorito para reconquistar a presidência dos EUA, e isso acontece mais pelos problemas de Biden do que por seus méritos, sendo que alguns desses problemas podem ser minimizados, enquanto outros, não. Por exemplo, Biden poderia melhorar a comunicação sobre o desempenho da economia nos EUA, lembrar que Trump conduziu mal o país durante a pandemia de 2020, mostrar que os recursos para resolver o problema de imigração na fronteira sul estão sendo barrados pelos republicanos no Congresso e pressionar mais Israel para que aceite um cessar-fogo em Gaza. No discurso “Estado da União” da última quinta-feira (07/03) Biden endereçou todos esses temas, veremos se marcará uma virada na sua campanha. Por outro lado, a questão da idade será difícil de resolver, e as repetidas gafes que têm cometido não ajudam em nada. Porém, o principal “dever de casa” dos democratas é mobilizar suas bases. Apenas 23% dos eleitores democratas estão entusiasmados com a indicação de Biden como candidato do partido às eleições presidenciais; no caso de Trump, são 48% dos eleitores republicanos. Sem a força das bases, dificilmente Biden conseguirá reverter a desvantagem atual nas pesquisas. Mas, se sua candidatura não empolga nem mesmo seus apoiadores, quiçá os eleitores independentes, que são o fiel da balança em qualquer eleição americana. Por tudo isso, continuamos a acreditar que Trump é o favorito para ser o presidente americano em 2025, apesar de reconhecermos que ainda há muita água para rolar debaixo dessa ponte.

Frase da Semana

“Em política, é muito difícil falar sobre hipóteses, embora não se possa excluir hipótese alguma.”

Marco Maciel

G5 Partners	2022	2023	2024
IPCA (%)	5,79	4,62	4,00
SELIC F.P (%)	13,75	11,75	9,00
USDBRL	5,28	4,86	5,05
PIB (%)	2,90	3,00	2,10

⁸ Tradução livre de: “Do you think that Donald Trump has or has not committed any serious federal crimes?”